

Coluna do Castello

Sarney, Itamar e o jacaré empalhado



Encontraram-se na noite de anteontem, numa festa na casa do ministro José Aparecido, o presidente José Sarney e o vice-presidente eleito, senador Itamar Franco. Sarney tinha um outro compromisso, mas esperou por Itamar. Abraçaram-se com efusão; o vice agradeceu o documento de Mondale a Carter definindo um programa de vice-presidente. O presidente, que o estudara quando escolhido vice de Tancredo, passou-o a quem necessitava atualizar-se.

A conversa recuou para os tempos em que, vizinhos na superquadra 309 onde residem os senadores, preocuparam-se com a má sorte de alguns companheiros de bloco e de prumada. Sarney localizou a fonte dos infortúnios num jacaré empalhado que guardava a porta de um colega. Itamar concordou com o diagnóstico e os dois, auxiliados por Alexandre Costa, promoveram a remoção do estafermo e seu lançamento noturno no lago de Brasília. Até hoje o dono do jacaré ignora a razão do seu desaparecimento. Mas deu certo. Houve melhoras gerais na saúde de todos e dali saíram dois vice-presidentes da República, um deles destinado a ocupar por cinco anos a própria presidência. O outro assume a vice-presidência amanhã.

Hoje é o último dia de governo desse cordial e supersticioso José Sarney. Aparentemente ele já passou uma esponja nos sustos e infelicidades desses cinco anos. E começa a desfrutar o sentimento de satisfação de quem deixa atrás de si uma missão cumprida, bem cumprida, pensa ele, embora seus contemporâneos ainda resistam em admiti-lo. A história é imprevisível mas, quanto aos nossos ex-presidentes, a memória que persiste não é a dos erros e fraquezas, mas a do pouco bem ou do muito bem que fizeram. Da imagem de Getúlio esfumou-se o perfil do ditador, da *mãe dos ricos* do período do Estado Novo e do "mar de lama" sobre o qual navegou no Palácio do Catete no segundo governo. A história guarda o incentivador da indústria nascente, o iniciador da indústria pesada, o promotor de garantias aos trabalhadores, o criador da Petrobrás e da Eletrobrás.

Ninguém se lembra também da copa e cozinha do presidente Dutra, do dilapidador das reservas cambiais acumuladas durante a guerra, mas do general que governava com o *livrinho*, isto é, a Constituição, do construtor da Rio-São Paulo e da usina de Paulo Afonso, tão importante para o Nordeste. Dele ficou também uma boa anedota. Alberto Rocha, um dos

redatores de seus discursos, escreveu num dos últimos que ele deixaria o governo com a consciência tranqüila certo de ter feito "o bem do povo". Dutra leu, pensou e disse: "Corta isso, eu não sei se fiz o bem do povo". Não ficaram de Juscelino as noites de dança e de namoro do governador que parecia mais, no dizer de Milton Campos, o filho do governador, nem a distribuição de nomeações e autorizações de empréstimos que visavam suavizar a resistência de senadores e deputados hostis à construção de Brasília. Ficaram os *50 anos em 5*, a tolerância, a simpatia humana, os anos de liberdade.

Jânio não foi esquecido e João Goulart não é visto como o personagem envolvido numa aventura populista da qual não tinha o controle, mas como a vítima de um processo violento de intervenção militar. Os militares, respeitados na sua sisudez mas alcançados nas suas agressões a uma nação manietada, não são lembrados pelas diatribes que atribuíam más ações a ministros como Campos e Delfim, Andreazza e Ueki, Buzaid e Falcão, mas pelo "milagre econômico", enquanto houve isso, e por promoverem a distensão, ainda que lenta, mas segura.

De Figueiredo, o Riocentro é uma visão que esmaece enquanto ressaltam a anistia e a execução do projeto de transição de Sarney, que ficará? Certamente a lição de tolerância, a plena aceitação da convivência democrática, a prática do regime, a probidade pessoal. A própria inflação, quando superada, poderá ser arquivada como uma lembrança remota. Anotado seria de preferência o fato de que no final do seu governo eram bons os indicadores econômicos e que ao longo de cinco anos o país cresceu 25%. A história, como se viu, tem sido mais generosa do que os convivas do drama ou da festa.

José Sarney acredita que com seus dons de escritor contribuirá para aliviar sua biografia dos agravos que ainda a cercam. Hoje seria Tancredo Neves e não ele que deveria estar encerrando o governo e colhendo possivelmente os espinhos que iriam feri-lo na jornada, para a qual ingressaria com um Ministério em que cabiam Antônio Carlos Magalhães e Waldir Pires, o advogado de presos políticos Pazziano-to e o banqueiro Olavo Setubal.

O destino quis que fosse Sarney que assumisse a glória e o ônus da caminhada. Ele desce do governo despojado de ambições e vaidades que não sejam as que vêm regadas pela dor dos golpes que o afligiram e pela tristeza das injustiças que recebeu. Sarney governou o Brasil numa das piores conjunturas para a economia da América Latina, como testemunham a Argentina e o Peru, o México e a Venezuela. Mas ele acha que na convivência dessas nações infelicitadas por tantos fatores adversos terá dado sua melhor contribuição, ao lado da prática democrática, nesses cinco anos que viveu como presidente da República. Fica a pergunta: remover o jacaré foi bom ou ruim?

Carlos Castello Branco